

O ANTIGLOBALISMO NO DISCURSO BOLSONARISTA (2018-2019)

THE ANTI-GLOBALISM IN THE BOLSONARIST DISCOURSE (2018-2019)

Ana Cristina Agnoletto*

Eric Duarte Ferreira**

RESUMO: Durante a transição para o governo Bolsonaro foram numerosos os discursos contra uma suposta ordem globalizante vigente. Esta pesquisa se insere no campo de estudos do discurso e, a partir de Michel Foucault e de outros autores, busca analisar parte da formação e do funcionamento desses discursos antiglobalistas, proferidos pelo então Presidente da República e pelo Ministro das Relações Exteriores. Nosso *corpus* de análise é composto pelos discursos da vitória e da posse de Jair Bolsonaro, em outubro de 2018, e pelo discurso de posse do Ministro das Relações Exteriores, Ernesto H. F. Araújo, em janeiro de 2019. A problematização central deste estudo busca compreender como é formulada a crítica ao suposto globalismo, quando este é associado a princípios do progressismo político ou ao espectro da “esquerda” latino-americana.

PALAVRAS-CHAVE: Análise de Discurso. Antiglobalismo. Discurso bolsonarista.

ABSTRACT: During the transition to Bolsonaro government there were numerous discourses against an alleged current globalizing order. This research fall within the field of discourse studies and draws from the works of Michel Foucault and other authors to analyze part of formation and functioning of these anti-globalist speeches, pronounced by the President and the Minister of Foreign Affairs. Our corpus of analysis consists of Jair Bolsonaro’s victory and inauguration speeches, in October 2018, as well as the inauguration speech of the Minister of Foreign Affairs, Ernesto H. F. Araújo, in January 2019. The main focus of this study is to understand how the critique

* Mestra em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), campus Chapecó-SC. Graduada em Letras - Língua Portuguesa e Língua Inglesa e Respectivas Literaturas - e em Administração pela Universidade Comunitária da Região de Chapecó (Unochapecó). Professora de Língua Inglesa na Escola de Educação Básica Bom Pastor, vinculada à Secretaria de Estado da Educação de Santa Catarina. E-mail: 699913@profe.sed.sc.gov.br

** Professor da Graduação em Letras e do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), campus Chapecó-SC. Doutor em Linguística, desenvolve pesquisa na área de estudos do discurso, com ênfase nos discursos políticos e midiáticos. E-mail: eric@uffs.edu.br

about the supposed globalism is formulated, when it is associated with principles of political progressivism or the spectrum of the Latin American “left”.

KEYWORDS: Discourse Analysis. Anti-globalism. Bolsonaroist discourse.

INTRODUÇÃO

Em 28 de outubro de 2018, Jair Messias Bolsonaro foi eleito Presidente do Brasil. No contexto de transição para o novo governo (2018-2019), recorte temporal selecionado para este artigo, os discursos do incipiente governo Bolsonaro indicaram um regular posicionamento contra à esquerda, em referência a mandatos anteriores. Dentro desse contexto de oposição à esquerda, surgiram temas e direcionamentos, sendo um deles o posicionamento “antiglobalista”, que se opunha a questões supostamente associadas às políticas progressistas no Brasil e no exterior.

Neste estudo investigaremos como se procedeu o aparecimento desse objeto discursivo, o “antiglobalismo”, durante o período de transição para o governo Bolsonaro. Utilizaremos uma base teórico-metodológica voltada para questões pertinentes à Análise de Discurso (AD) de orientação franco-brasileira. Sabemos que o discurso antiglobalista precede o início do governo Bolsonaro. No entanto, nosso foco se volta para o exame de como esse discurso se materializa na fala dos sujeitos políticos e contribui para compor o discurso autodenominado “conservador” do período. Para a análise, recorreremos às investigações de Michel Foucault e de outros autores do campo dos estudos discursivos, especialmente no que se refere à formação dos objetos de discurso e ao conceito de formação discursiva (FD).

A análise se concentra nas declarações do Presidente da República Jair Messias Bolsonaro e do Ministro das Relações Exteriores Ernesto Henrique Fraga Araújo, feitas após o resultado do pleito e durante suas respectivas tomadas de posse¹.

O OLHAR FOUCAULTIANO PARA A FORMAÇÃO DOS OBJETOS DE DISCURSO

De acordo com Michel Foucault em *A arqueologia do saber* (2013), o que se fala pode receber o *status* de objeto e obter nomeação e descrição. Porém, as superfícies do aparecimento, em diferentes espaços e tempos, não são as mesmas. A emergência do objeto, além de passar por instâncias de delimitação e por formas de especificação, tem como cerne um conjunto

¹ Este artigo é parte da dissertação de Mestrado em Estudos Linguísticos de Ana Cristina Agnoletto, defendida em 2020 no Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal da Fronteira Sul, sob orientação do professor Dr. Eric Duarte Ferreira. Agradecemos à Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina (FAPESC) pela concessão de bolsa de mestrado durante 12 meses de curso.

de relações empregadas no discurso, que se imbricam e permitem o seu aparecimento. Logo, passando por regras de diferenciação em relação a outros, a existência de um determinado objeto parte de condições oriundas de um feixe de relações.

Estabelecemos nossa pesquisa em uma posição investigativa que busca as relações discursivas estabelecidas na delimitação do objeto nomeado como “antiglobalismo”. Inspirados por Foucault, sabemos que é preciso realizar um movimento de compreensão das regras e regularidades na sua dispersão, permanecer no nível do próprio discurso e desfazer “[...] laços aparentemente tão fortes entre as palavras e as coisas [...]” (Foucault, 2013, p. 59-60) e não tratar o discurso apenas como um conjunto de signos.

Em *O nascimento da clínica*, Foucault (1977) aborda sobre as transformações no estatuto da medicina, a mudança de postura perante o que se deseja conhecer e o discurso racional que organiza e dá cientificidade ao que se fala. A ênfase está no olhar, na visão que percorre, contorna e penetra para trazer clareza. Considerando que forma e singularidade conferem *status* de objeto às coisas, o olhar desperta e confere objetividade, possibilitando o organizar de uma linguagem racional.

Segundo Foucault (2013), as coisas ditas permitem acesso a novos discursos e à possibilidade de transformá-los. Os discursos são mutáveis e o saber também. Torna-se essencial estudar extraindo do discurso as condições de sua história sem a oposição de um saber ao outro. Cada etapa do saber e cada diferenciação discursiva carrega seus efeitos e objetivos.

A partir de exemplos de enfermidades no corpo humano, o autor recorre, para fins de configuração da doença, à experiência histórica, pois isto “reúne tudo o que, de fato ou de direito, cedo ou tarde, direta ou indiretamente, pode se dar ao olhar” (Foucault, 1977, p. 4). Portanto, uma patologia tem a justaposição de elementos históricos, por exemplo: os elementos do rubor, tumor, calor e dor estariam justapostos à inflamação local. Entre uma doença e outra, a distância entre elas é medida por suas semelhanças.

Em analogia, podemos considerar a curta distância entre o globalismo e o imperialismo, para aprofundarmos nossa compreensão da delimitação de nosso objeto de estudo, o antiglobalismo. Historicamente, o imperialismo moderno foi multifacetado, como adverte Milton Santos:

Havia, com o imperialismo, diversos motores, cada qual com sua força e alcance próprios: o motor francês, o motor inglês, o motor alemão, o motor português, o belga, o espanhol etc. que eram todos motores do capitalismo [...]. Hoje haveria um motor único que é, exatamente, a mencionada mais-valia universal (Santos, 2012, p. 29).

O autor aponta para a tendência de centralização do poder e para suas transformações, de base capitalista. Na concepção globalista, chegamos a um momento na história em que ocorre uma unificação de técnicas imperialistas instaladas em nível mundial, e estas seriam

um motor único da história. A busca incessante pelo lucro continua, mas em outros moldes. Compreendemos que é necessário lançar o olhar sobre o imperialismo histórico como instância de memória a partir da qual se estrutura o objeto discursivo do antiglobalismo. Isso ocorre porque este objeto depende de um arquivo de dizeres para encontrar seu ponto de irrupção na atualidade.

Quando Foucault discute a ocorrência de novos objetos do saber médico, enfatiza que a mudança ocorre na relação entre a doença e o olhar, que passa à instância da discursividade por meio da racionalidade. O olhar médico se ordena de modo diferente na modernização das práticas médicas, é um olhar que “[...] pode e deve apreender as cores, as variações, as íntimas anomalias, mantendo-se sempre à espreita do desviante” (Foucault, 1977, p. 101). O desviante é o que podemos relacionar à dispersão na constituição das formações discursivas, já que é justamente na diferença que surge a luz do novo.

Foucault considera que quando as analogias são aplicadas pelo olhar clínico para reconhecer signos e sintomas, consistem em relações que extravasam a mera semelhança de parentesco. Elas envolvem um funcionamento. Uma analogia fecunda “é uma relação com outras funções ou outras perturbações [...]” (Foucault, 1977, p. 114). Portanto, estabelece-se uma correlação entre o olhar e a linguagem, ou seja, uma representação.

A abertura para a linguagem em um novo domínio pode oferecer uma percepção científica sobre o que “[...] tinha permanecido como o invisível visível - proibição e iminente segredo: o saber sobre o indivíduo” (Foucault, 1977, p. 195). O olhar para os objetos é qualitativo, analítico, cauteloso, cercado pela experiência, estabelece proximidades e retoma aspectos históricos para abordar situações atuais.

No que diz respeito ao objeto de estudo de nosso interesse, o antiglobalismo e sua relação com a globalização é evidente, pois está historicamente marcado nas relações entre países e em concomitância com a prática do sistema capitalista. Isso contribui para o seu reconhecimento como um novo discurso. Assim, o antiglobalismo passa pela “clareza” do olhar lançado a ele, pelas analogias e pelos estreitamentos com outras práticas. As novas palavras associadas a novos saberes surgem pela descoberta do desviante, e a nomenclatura e a descrição são partes fundamentais do estatuto que é conferido aos objetos. Cabe, então, recuperar a historicidade dos discursos no meio de uma pluralidade de acontecimentos.

O ANTIGLOBALISMO COMO OBJETO DE ANÁLISE DISCURSIVA

Conforme destacamos na seção anterior, Michel Foucault (2013) salienta que há um feixe de relações que se estabelecem de uma forma positiva (produtiva) para que o objeto discursivo venha à tona. Essas relações, indicadas pelo autor, não estão presentes no objeto ou definem a sua constituição, mas determinam o que lhe permite aparecer, situando-o e colocando-o

na exterioridade. Nesse sentido, o objeto discursivo antiglobalismo não foi criado instantaneamente na campanha eleitoral ou no período de transição do governo. Ele emergiu como tema para as propostas de trabalho sobre política internacional em um ambiente favorável de reflexões sobre diretrizes governamentais passadas.

Para Velasco e Cruz, Kaysel e Codas (2015, p. 8), em toda a América Latina, “assistimos ao reagrupamento de forças no campo do conservadorismo, com a emergência de novas caras, a atualização do discurso e o emprego de estratégias e táticas novas”. Logo, a direita, representada por Bolsonaro, apresenta traços do que se poderia apontar, ainda que provisoriamente, como “nova direita”. Entre as estratégias e as táticas bolsonaristas, considerando o período de transição de governo, observamos que estiveram em destaque mudanças nas relações do Brasil com outros países, envolvendo a crença no movimento globalista.

Assim como Foucault (2013), o sociólogo Octavio Ianni concentra seus estudos na premissa de que a história passa por descontinuidades, pois podem ocorrer movimentos surpreendentes: “toda duração se deixa atravessar por rupturas” (Ianni, 2001, p. 11). Em seu livro *A era do globalismo* (2001), Ianni ilustra amplamente o contexto da globalização, descrevendo, dentre vários aspectos, as implicações sobre os povos, o trabalho, a cultura e a economia. Dois fenômenos seriam resultantes da prática globalizante: a integração e a fragmentação, caminhando lado a lado. Com a globalização, desaparecem fronteiras, alteram-se significados e assim tudo se move, “a história entra em movimento, em escala monumental pondo em causa cartografias geopolíticas, blocos e alianças, polarizações ideológicas e interpretações científicas” (Ianni, 2001, p. 12). Desse modo, os desdobramentos provocados pela globalização geram novos contornos, transformam alguns e suspendem outros. Segundo o sociólogo, a globalização debilitaria movimentos nacionais, pois a expansão empresarial e a emergência das cidades globais afetam a força das nações, reduzindo o poder das decisões nacionais.

Em outubro de 2018, Bolsonaro discursou em rede nacional de televisão e nas redes sociais, sobre ações pretendidas para o seu mandato a partir de 2019. Nos discursos da vitória e da posse no Congresso Nacional, o recém-eleito Presidente do Brasil destacou temas conservadores, como a valorização da família, o respeito às religiões e o amor e a proteção à pátria, além da defesa da soberania nacional em prol de uma determinada liberdade sem supostas amarras ideológicas. Dentre esses discursos, selecionamos alguns fragmentos emblemáticos, como o que pode ser observado na sequência discursiva SD1, quando o presidente leu, na porta de sua casa em Barra da Tijuca - RJ, o discurso da vitória:

SD1- **Libertaremos** o Brasil e o Itamaraty das **relações internacionais com viés ideológico** a que fomos submetidos **nos últimos anos**. O Brasil deixará de estar apartado das nações mais desenvolvidas (Bolsonaro, 2018a, grifos nossos).

Observamos uma indissociabilidade entre o discurso antiglobalista e o discurso do viés ideológico, apresentando-se no modo como deveria ficar estabelecido o relacionamento do Brasil com outros países, uma relação que demonstra extravasar o aspecto econômico. O viés ideológico surge interligado a questões diversas, como a cultura e a educação, e indica um modo de pensar os significados da própria ideologia, associando-a a questões supostamente prejudiciais e direcionadas apenas para a esquerda do espectro político (Autor, 2020).

FORMAÇÃO DISCURSIVA ANTIGLOBALISTA BOLSONARISTA (FDAB): “NÓS” CONTRA O GLOBALISMO

Em *A arqueologia do saber*, Foucault reflete sobre relações que podem ser descritas entre os enunciados para a formação de um conjunto. Ele destaca que se deparou com lacunas, diferenças, desvios, substituições e transformações por motivo de formulações heterogêneas dos enunciados. Apesar da heterogeneidade constituinte, é importante detectar uma regularidade nos discursos analisados. Ou seja, é possível identificar “[...] uma ordem em seu aparecimento sucessivo, correlações em sua simultaneidade, posições assinaláveis em um espaço comum, funcionamento recíproco, transformações ligadas e hierarquizadas” (Foucault, 2013, p. 46).

A esse respeito, a definição de formação discursiva proposta por Foucault é amplamente conhecida entre os interessados no campo do discurso:

No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciados, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma *formação discursiva* [...] (Foucault, 2013, p 47, grifos do autor).

A teorização sobre essa noção de formação discursiva (FD) abre um leque de opções para pensarmos sobre uma possível Formação Discursiva Antiglobalista Bolsonaroista (FDAB), embora seus contornos não sejam rígidos. Ao procurar pistas desse contorno, podemos perceber que os enunciados analisados indicam predominantemente um reposicionamento do país no cenário internacional e nacional. Eles sugerem, de diversas maneiras, a implementação de um “plano” para confrontar o que é considerado como “viés ideológico/progressista”.

Na cerimônia de posse no Congresso Nacional, em primeiro de janeiro de 2019, o Presidente expõe seus interesses e se refere, ainda que de modo vago, às ações pós-eleição, ao futuro e ao que pretende realizar durante seu mandato.

SD2 - **Vamos** unir o povo, valorizar a família, respeitar as religiões e nossa tradição judaico-cristã, combater **a ideologia de gênero**, conservando

nossos valores. O Brasil voltará a ser um **país livre das amarras ideológicas** (Bolsonaro, 2019, grifos nossos).

As expressões “vamos”, da SD2, e “libertaremos”, da SD1, inicialmente parecem operar na chave da inclusividade linguística. No entanto, carregam a ambiguidade de também poderem operar na exclusividade, direcionando a fala para os seus convictos. Para a teoria da enunciação ancorada em Benveniste (1989), a primeira pessoa do plural é uma pessoa ampliada: “Nós’ não é a multiplicação de objetos idênticos, mas a junção de um eu com um não-eu” (Fiorin, 1996, p. 60). Conforme sabemos, essa junção de um eu+não-eu pode se efetivar de modo inclusivo (eu+tu, eu+eles+tu) ou exclusivo (eu+não tu, eu+eles+não tu).

O contexto da cerimônia de posse e o início do pronunciamento, como em “mandato a mim confiado pela vontade soberana do povo brasileiro” e “governar com vocês”, sugerem um *nós* inclusivo: eu+eles+tu = [eu] governar com vocês [povo brasileiro]. No entanto, quando percebemos a tematização do “viés ideológico” (como na SD2) com expressões definidas como “a ideologia de gênero” e “as amarras ideológicas”, ocorre uma alternância na inclusividade. Esse “*nós*” adquire exclusividade: eu+eles+não tu. Em “vamos unir o povo”, o eu já se separa do ente “povo” e, em “nossa tradição judaico-cristã”, o eu se distingue dos sujeitos que não fazem parte dessa tradição. Em seguida, com “[vamos] combater a ideologia de gênero”, o discurso esclarece ainda mais essa separação: eu+eles+não tu, com este “tu” direcionado àqueles que defendem questões de gênero. Segundo os efeitos de sentido construídos, essas pessoas desvalorizariam a família e desrespeitariam as religiões e a mencionada tradição judaico-cristã.

Nesse sentido, em “[vamos] combater a ideologia de gênero”, o verbo “combater” indica, do ponto de vista retórico, como afirma Tereza Halliday (1990), o belicismo que leva a um movimento de batalha contra um inimigo. Pelo discurso, a aceção negativa dada à ideologia, a adversária na guerra contra o globalismo, é articulada à teoria de gênero.

Judith Butler, filósofa estadunidense, em seu livro *Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade* (2003, p. 29), problematiza a complexidade do conceito de gênero ao discutir categorizações discursivas. Um dos pontos abordados por Butler é a cristalização do sujeito mulher no discurso feminino, não mais compreendido de forma estável e permanente. A autora baseia-se nos estudos de Foucault e cita a regulação dos sujeitos e sua representação social pelos sistemas jurídicos de poder, como no discurso sobre o sujeito mulher. Quando Bolsonaro, na SD2, menciona “ideologia de gênero” em vez de “teoria de gênero”, ao mesmo tempo em que desconsidera o debate teórico sobre gênero, promove a estigmatização e incita o medo (“amarras ideológicas”).

Os “ISMOS” DE OUTREM

Para Schopenhauer (1997), um modo de eliminar ou tornar suspeitas a afirmação de adversários seria “[...] reduzi-la a uma categoria geralmente detestada [...]” (Schopenhauer, 1997, p. 174). Neste caso, temos duas suposições: a de que a afirmação é igual à categoria, ou que essa já está refutada e não contém palavra verdadeira.

Após ser eleito, na transmissão que fez ao vivo pelo Facebook, Bolsonaro parece introduzir, o que depois vai ser delimitado por ele, no discurso de posse, como “amarras ideológicas”, “socialismo”, “comunismo”, “populismo” e “extremismo de esquerda”:

SD3 - Não poderíamos mais continuar flertando com o socialismo, com o comunismo e com o populismo, e com o extremismo da esquerda (Bolsonaro, 2018b, grifos nossos).

Os “ismos” em cena requisitam uma relação de sentidos com nossa memória histórica. Se compreendermos o *a priori* histórico seguindo a perspectiva de Foucault (2013), essa memória importa não apenas como registro histórico, mas também como um terreno de sistemas de discursividades que operam para transformar esse *a priori* em eventos concretos, considerados como “fatos” que contribuem para a construção de uma realidade histórica. O autor denomina esse sistema de “arquivo” e, ao fazê-lo, estabelece-se como lei do que pode e do que não pode ser dito. Nesse sentido, o arquivo é, para Foucault, o elemento que separa o que deve ser lembrado e o que deve ser esquecido, o que merece entrar para a tradição e o que deve ser apagado. Ele regula a conexão entre discursos e a exclusão deles.

Na SD3, vemos que cada uma das doutrinas mencionadas (socialismo, comunismo, populismo e extremismo de esquerda) requisitam do arquivo, na acepção de Foucault (2013), uma conexão com uma realidade histórica. Especificamente com relação aos sentidos de “populismo”, apaga-se dessa realidade seu correlato antagônico, também existente, o populismo de direita. A discursividade do “flerte ideológico”, do “viés ideológico” e das “amarras ideológicas” se constrói orientando os sentidos de globalismo em relação aos quais o presidente busca se opor a nível mundial: ideologia socialista, comunista, populista e esquerdista.

O ANTIGLOBALISMO NO DISCURSO DO MINISTRO DAS RELAÇÕES EXTERIORES

Na esteira dos pronunciamentos da vitória e da posse do Presidente Bolsonaro, o Ministro das Relações Exteriores, Ernesto Araújo, em sua cerimônia de posse, dá especial ênfase ao tema do globalismo.

SD4 - O presidente Bolsonaro está libertando o Brasil, por meio da verdade. Nós vamos também libertar a política externa brasileira, vamos

libertar o Itamaraty, como o presidente Bolsonaro prometeu que faríamos, em seu discurso de vitória (Araújo, 2019).

Considerando que o contexto é de um período de transição entre governos, Araújo afirma que “o presidente Bolsonaro está libertando o Brasil”, um gerúndio interessante para o anúncio do início de um projeto político. A mobilização da suposta “verdade” é ampliada para Itamaraty e para o Ministério das Relações Exteriores. Com intertextualidade bíblica, a “verdade” é remetida à discursividade bolsonarista, associada à noção de verdade que se busca pela palavra cristã.

Na SD5, a seguir, observamos uma delimitação de sentido para “verdade”:

SD5 - Onde quer que seja, eu me lembro da pátria. E “eu me lembro da pátria” aqui não significa simplesmente que, quando estamos no exterior, devemos pensar no Brasil. Significa, se nós pensarmos no conceito de Aletheia: **eu sinto essa verdade profunda que é a pátria, eu sinto o que é ter uma pátria** e lembrar-se da pátria, portanto, como uma verdade central, **essa verdade que liberta e que só se pode conhecer pelo amor** (Araújo, 2019, grifos nossos).

Nessa sequência discursiva, o “eu” está colocado de diferentes modos. Diferentemente do início da SD5, o “eu” em “eu sinto essa verdade” apresenta-se como um “eu” ampliado, ou seja, é o sujeito que fala, Araújo, e/ou qualquer um, em geral, na enunciação sobre amar e não esquecer a pátria. Esta questão conduz à reflexão de que cada escolha lexical revela um ponto de vista do enunciador (Fiorin, 1996) e os efeitos de sentido tramitam da subjetividade à ampliação dela.

Na sequência, a SD6 e a SD7 são marcadas pelos imperativos “não deixem”, “não acreditem”, “não escutem” e “não tenham medo”; são expressões para solicitar a outrem a união contra o globalismo:

SD6 - **Não deixem o globalismo** matar a sua alma em nome da competitividade. **Não acreditem no que o globalismo diz** quando diz que para ter eficiência econômica é preciso sufocar o coração da pátria e não amar a pátria. **Não escutem o globalismo quando ele diz que paz significa não lutar** (Araújo, 2019, grifos nossos).

SD7 - Não estamos aqui para trabalhar pela ordem global. Aqui é o Brasil. **Não tenham medo** de ser Brasil. **Não tenham medo** (Araújo, 2019, grifos nossos).

Segundo Benveniste (1989), o uso do imperativo na enunciação indica termos de intimação, ordens e/ou apelos. Desse modo, um efeito de sentido apreendido nestas sequências acima citadas, é o apelo. Podemos depreender que “o que em geral caracteriza a enunciação é a acentuação discursiva com o parceiro, seja este real ou imaginado, individual ou coletivo.”

(Benveniste, 1989, p. 87). Assim, essa marcação do imperativo, ao refletir o posicionamento antiglobalista, visa mobilizar uma quantidade expressiva de sujeitos, os cidadãos brasileiros, a fim de refutar a suposta ameaça.

Para o sociólogo Demétrio Magnoli (2019), os nacionalistas organizariam discursos baseados no medo. Ele afirma que o movimento nacionalista (ou neonacionalista) representa uma revolta contra a ordem mundial criada no pós-guerra, opondo-se a um suposto governo mundial formado por instituições multilaterais, ou seja, contrapondo-se ao que denominam de “globalismo”. Essa tendência caracterizaria uma doutrina com inclinações autoritárias, o que pode representar uma ameaça à democracia. Ao considerarmos o discurso de posse de Araújo (2019), percebemos que essa discursividade do medo contribui para a implementação de uma retórica mobilizadora de sentimentos, de *pathos*, e sua relação com o nacionalismo, como na SD8:

SD8 - Então, **para não ter medo**, vamos ler menos Foreign Affairs, e mais **Clarice Lispector ou Cecília Meireles**. Vamos ler menos The New York Times, e mais **José de Alencar e Gonçalves Dias**. Vamos escutar menos a CNN e mais **Raul Seixas**. Por que Raul Seixas? “Não fiquemos no trono de um apartamento”, ou de uma Embaixada, “com a boca escancarada cheia de dentes esperando a morte chegar” (Araújo, 2019, grifos nossos).

O Ministro cita eventos históricos e personalidades como exemplos de destaque na memória histórica brasileira. Quando menciona Clarice Lispector, Cecília Meireles, José de Alencar e Gonçalves Dias, Araújo fomenta a inclusão do público admirador destes escritores renomados no sentimento nacionalista. Isto não quer dizer que este público acolherá os argumentos associados aos escritores brasileiros, mas o movimento retórico do enunciador propicia um olhar mais atento dos amantes da literatura ao discurso supracitado.

Na SD8, a citação apresentada pelo Ministro, “não fiquemos no trono de um apartamento”, é parte da letra da música *Ouro de tolo*, de Raul Seixas. O apartamento remete à imagem dos edifícios, um dos símbolos da urbanização nas grandes cidades, como as antigas aglomerações formadas em torno das fábricas da Revolução Industrial. O sujeito que teve um “bom” emprego na fábrica recém-inaugurada e o sujeito que conseguiu adquirir um apartamento no centro da cidade conquistou o seu espaço no cenário urbano e tem as necessidades básicas satisfeitas, assim poderia apropriar-se do sentimento de dever cumprido. Mas o pacato cidadão tem a atenção chamada para o que ocorre ao seu redor, pois precisa sair do casulo de paredes de tijolos para enxergar as paredes sociais do seu país.

Refletindo sobre o conceito de arquivo proposto por Foucault (2013) como um sistema geral de formação de enunciados e também de transformação destes, a intertextualidade com a música *Ouro de tolo* produz uma atualização no sujeito/tempo/espaço da luta pela liberdade. Se antes, “sair do apartamento” representava ir contra o governo ditatorial (1964 a 1985), agora

significa sair para lutar contra o globalismo. Afinal, é necessário banir a suposta hegemonia da esquerda no Brasil e no mundo. Isso representa um movimento retórico do Ministro em prol da ressignificação dos atores e dos seus legados na cultura nacional durante a transição de governo.

Analisando as sequências discursivas apresentadas pelo Presidente e pelo Ministro, observamos a constante recorrência de narrativas em torno da “liberdade”, da “verdade” e da negação de qualquer “viés ideológico”. Conforme Halliday (1990, p. 46), “cada palavra usada é um tijolo no edifício da realidade simbolicamente construída”. Com efeito, as três ocorrências representam os tijolos mestres do edifício discursivo antiglobalista de transição de governo. Sob nossa ótica, essa narrativa compõe o que constitui regularidade interna da formação discursiva antiglobalista bolsonarista: a FDAB. A frequência do aparecimento dessa regularidade marca enunciados entrelaçados pelo imaginário de uma ameaça à liberdade, dentro e fora do país, perpetrada por um suposto escamoteamento ideológico do que é tomado como verdade. Pela palavra, configura-se uma promessa de governo dentro do espectro político, em que a escolha de uma agenda antiglobalista reflete o modo como se pensa ser adequado para exercer a arte de governar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos estudos do discurso considera-se que não há como o sujeito falar de modo isento, porque não há discursividade possível sem interpelação ideológica. Orlandi (2015) indica que o próprio ato de interpretação pelo sujeito já atesta a presença da ideologia, pois esta é condição para a constituição do sujeito e dos sentidos. O indivíduo constitui-se sujeito para produzir o seu dizer, logo, “[...] não há discurso sem sujeito. E não há sujeito sem ideologia” (Orlandi, 2015, p. 45). O efeito da relação do sujeito com a língua e com a história resulta na ideologia que opera em um funcionamento imaginário. As imagens permitem que as palavras se relacionem às coisas e, se o sujeito não sofrer os efeitos do simbólico, não se constitui e não há produção de sentidos.

Em Foucault (1988), encontramos, de maneira semelhante, o pensamento de que não há isenção possível. Embora ele tenha deixado claro em seu texto *Verdade e poder* as razões pelas quais o autor preferia evitar a noção de ideologia, encontramos em seu edifício intelectual correlatos dessa noção de que, a partir do encontro entre a língua e a história, surgem determinações de sentido e modos de se ser sujeito. A concepção de “arquivo” como um “jogo de regras que, numa cultura, determinam o aparecimento e o desaparecimento de enunciados, sua permanência e seu apagamento, sua existência paradoxal de acontecimentos e de coisas”, aponta para esse entendimento a respeito da determinação histórica do sentido (Foucault, 2005, p. 95).

Para atingir o objetivo deste artigo, que consiste em analisar parte da formação e do funcionamento dos discursos antiglobalistas, quando proferidos pelo Presidente e pelo Ministro das Relações Exteriores no âmbito do debate público, discorreremos brevemente sobre a obra *O nascimento da clínica* de Michel Foucault. Fizemos isso com intuito de pensar, por analogia, sobre a formação do antiglobalismo como objeto discursivo. As considerações nessa vinculação de estudo são relevantes para a reflexão sobre o estatuto científico/verdadeiro conferido aos objetos por meio dos saberes que passam a ser discursivizados pelos sujeitos.

Em relação ao funcionamento do objeto de discurso, consideramos que o posicionamento antiglobalista suscita questionamentos e reflexões que não se limitam ao bolsonarismo. Com efeito, o antiglobalismo é um objeto discursivo que remonta ao início da globalização econômica e cultural, mas aparece em tom de novidade salvadora durante a transição entre governos (2018/2019), gerando inquietação sobre o seu significado para a política. Sob a nossa ótica, apresenta-se como um acontecimento discursivo, e é atravessado por temas que estão interligados ideologicamente (socialismo, comunismo, esquerdismo etc.).

A formação discursiva antiglobalista bolsonarista (FDAB) é ampla e de difícil delimitação. Procurá-la na dispersão, conforme os postulados de Foucault (2013), exige um olhar atento às relações que atravessam os objetos de discurso vinculados a ela. Ao associar o globalismo a um imaginário de “ideologia”, os sujeitos políticos apresentam uma aceção negativa para as relações com diversos países, levadas a cabo pelos governos anteriores, considerados como governos ideológicos. Isso cria a ilusão de que o posicionamento antiglobalista seria desprovido de “ideologia”, sendo esta última tratada como indesejável progressismo e/ou esquerdismo.

REFERÊNCIAS

AGNOLETTO, Ana Cristina. **Discursos antiglobalistas durante o período de transição para o governo Bolsonaro (2018/2019)**. 2020. 127 f. Dissertação. (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Programa de Pós-graduação da Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2020.

ARAÚJO, Ernesto Henrique Fraga. **Discurso do ministro Ernesto Araújo durante cerimônia de Posse no Ministério das Relações Exteriores**. Ministério das Relações Exteriores, Brasília, 2 jan. 2019. Disponível em: <http://www.itamaraty.gov.br/pt-BR/discursos-artigos-e-entrevistas-categoria/ministro-das-relacoes-exteriores-discursos/19907-discurso-do-ministro-ernesto-araujo-durante-cerimonia-de-posse-no-ministerio-das-relacoes-exteriores-brasilia-2-de-janeiro-de-2019>. Acesso em: 5 jan. 2019.

BENVENISTE, Émile. O aparelho formal da enunciação. *In: Problemas de Linguística Geral II*. São Paulo: Pontes, 1989. Cap. 5. p. 81-92.

BOLSONARO, Jair Messias. Discurso do Presidente da República, Jair Bolsonaro, durante Cerimônia de Posse no Congresso Nacional. **Ministério das Relações Exteriores**, Brasília, 01

jan. 2019. Disponível em: <http://www.itamaraty.gov.br/pt-BR/discursos-artigos-e-entrevistas-categoria/presidente-da-republica-federativa-do-brasil-discursos/19887-discurso-do-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-durante-cerimonia-de-posse-no-congresso-nacional-brasilia-1-de-janeiro-de-2019>. Acesso em: 5 jan. 2019.

BOLSONARO, Jair Messias. Veja a íntegra das primeiras falas de Bolsonaro após ser eleito presidente. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 28 out. 2018a. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/bolsonaro-afirma-em-seu-primeiro-discurso-que-tera-governabilidade-leia-integra.shtml>. Acesso em: 2 jun. 2019.

BOLSONARO, Jair Messias. Veja a íntegra do discurso de Jair Bolsonaro em rede nacional após eleito. **Exame**, [S.I.], 29 out, 2018b. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/brasil/veja-a-integra-do-primeiro-discurso-de-jair-bolsonaro-apos-eleito/>. Acesso em: 26 set. 2019.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FIORIN, José Luiz. **As astúcias da enunciação**. São Paulo: Editora Ática, 1996.

FOUCAULT, Michel. Verdade e Poder. In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

FOUCAULT, Michel. Sobre a arqueologia das ciências: resposta ao Círculo de Epistemologia. In: **Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento**. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

FOUCAULT, Michel. **O nascimento da clínica**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1977.

HALLIDAY, Teresa Lúcia. **O que é retórica**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

IANNI, Octavio. **A era do globalismo**. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

MAGNOLI, Demétrio. Entrevista para a Fundação FHC. Antiglobalismo e direitos humanos: democracia em risco?. [S.I.], 14 mar. 2019. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_4ZBZYH2hrq. Acesso em: 1 out. 2019.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso: princípios & procedimentos**. 12. ed. Campinas: Pontes, 2015.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: Do pensamento único à consciência universal**. 22 ed. Rio de Janeiro: Record, 2012.

SCHOPENHAUER, Arthur. **Como vencer um debate sem precisar ter razão**. Tradução de Daniela Caldas e Olavo de Carvalho. Rio de Janeiro: Topbooks, 1997.

VELASCO E CRUZ, Sebastião. Elementos de reflexão sobre o tema da direita (e esquerda) a partir do Brasil no momento atual. *In*: VELASCO E CRUZ, Sebastião; KAYSEL, André; CODAS, Gustavo (org.). **Direita, volver!** O retorno da direita e o ciclo político brasileiro. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2015. p. 7-47.

Recebido para publicação em: 11 abr. 2023.

Aceito para publicação em: 6 set. 2023.